



# GINÁSTICA GERAL NA BNCC: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GENERAL GYMNASTICS AT BNCC: PERCEPTION OF LICENSING STUDENTS IN PHYSICAL EDUCATION

GIMNASIA GENERAL EN BNCC: PERCEPCIÓN DE ESTUDIANTES DE LICENCIAS EN EDUCACIÓN FÍSICA

Andrize Ramires Costa

Universidade Federal de Pelota, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil  
Email: andrize.costa@gmail.com

Catarina Polino Gomes

Universidade Federal de Pelota, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil  
Email: catarinagomes@gmail.com

## RESUMO

Neste artigo temos como objetivo investigar a percepção sobre o ensino da Ginástica Geral na escola a partir da visão dos estagiários (as) do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFPeL. O estudo de abordagem qualitativa, se utilizou de entrevista semiestruturada, a amostra foi composta por alunos (as) das disciplinas de estágio II, IV e VI. Através do presente estudo foi possível constatar que a Ginástica Geral ainda é um assunto pouco conhecido pelos discentes e por isso pouco encontrada nas aulas ministradas pelos estagiários. Além disso, percebeu-se que provavelmente alguns cursos de licenciatura em Educação Física não estejam dando devida atenção as modalidades gímnicas, fazendo com que os alunos tenham uma visão da Ginástica Geral que não se aproxima do conceito expresso na BNCC, e de algum modo não se sintam preparados ou motivados para desenvolver esse conteúdo nas suas aulas.

**Palavras-chave:** Ginástica Geral; Estágio Curricular Supervisionado; Base Nacional Comum Curricular.

## ABSTRACT

In this article we aim to investigate the perception about the teaching of General Gymnastics at school from the perspective of the trainees of the Physical Education Degree course at ESEF / UFPeL. The study of qualitative approach, used a semi-structured interview, the sample was composed of students from the disciplines of stage II, IV and VI. Through this study it was possible to verify that the General Gymnastics is still a subject little known by the students and therefore little found in the classes given by the interns. In addition, it was noticed that probably some degree courses in Physical Education are not paying due attention to gymnastics, making students have a view of General Gymnastics that does not come close to the concept expressed in BNCC, and in some way does not feel prepared or motivated to develop this content in their classes.

**Keywords:** General Gymnastics; Supervised internship; National Base Common Curriculum.

## RESUMEN

En este artículo, nuestro objetivo es investigar la percepción de enseñar Gimnasia General en la escuela desde la perspectiva de los alumnos del curso de Educación Física en ESEF / UFPeL. El estudio de enfoque cualitativo, utilizó una entrevista semiestructurada, la muestra estuvo compuesta por estudiantes de las disciplinas de las etapas II, IV y VI. A través de este estudio fue posible verificar que la Gimnasia general sigue siendo una asignatura poco conocida por los alumnos y, por lo tanto, poco encontrada en las clases



impartidas por los pasantes. Además, se observó que probablemente algunos cursos de grado en Educación Física no están prestando la debida atención a la gimnasia, lo que hace que los estudiantes tengan una visión de la Gimnasia general que no se acerca al concepto expresado en BNCC, y de alguna manera no sentirse preparado o motivado para desarrollar este contenido en sus clases.

**Palabras clave:** Gimnasia General; Pasantía Curricular Supervisada; Currículum Común Nacional Base.

## INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A Ginástica Geral (GG), também conhecida como Ginástica Para Todos (GPT) de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2018), reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade. Pode ser constituída de exercícios no solo, no ar (saltos), em aparelhos (trapézio, corda, fita elástica), de maneira individual ou coletiva, e contam com um conjunto variado de piruetas, rolamentos, paradas de mão, pontes, pirâmides humanas, etc.

Entretanto, a Educação Física vem há muito tempo restringindo os conteúdos das aulas apenas às modalidades esportivas ditas tradicionais, como o futebol, voleibol, basquetebol e handebol (PEREIRA; SILVA, 2004; DARIDO, 2004; ROSÁRIO; DARIDO, 2005; apud FORTES et al. 2012). Além disso, Fortes e colaboradores (2012), em seu estudo sobre os conteúdos observados em aulas de Educação Física, percebeu que os conteúdos como, Ginástica, coordenação motora, musculação e brincadeiras lúdicas não tiveram destaque nas aulas. Tendo em vista o exposto, pode-se perceber que, a Ginástica, no geral, tem um espaço extremamente limitado dentro das aulas de Educação Física atualmente.

De acordo com Ayoub, a Ginástica Geral contribui para o desenvolvimento do repertório motor, proporciona a interação social e incentiva a prática de uma atividade física:

A Ginástica Geral foi inúmeras vezes apontada [...] como uma ginástica para todos, acessível a todas as pessoas, aberta para a participação; como uma ginástica de grupo, com grupo; como uma ginástica simples, sem restrições e regras e que, portanto, cria espaço para a diversidade e para a criatividade; e, em

especial, como uma ginástica do prazer, da felicidade e do divertimento. (AYOUB, 2007, p. 48)

A Ginástica para Todos caracteriza-se, também, por sua ludicidade, assim como visa proporcionar a seus participantes uma prática mais humana e inclusiva, utilizando-se de aparelhos oficiais e não oficiais, possibilitando sua atuação em espaços díspares, como educacionais, formais e informais, atribuída muitas vezes ao lazer (LELES et al., 2016). Ademais, Paoliello (2014) aponta que a GPT engloba, além dos elementos gímnicos, outros elementos da cultura corporal, como danças, atividades circenses, artes cênicas, jogos, esportes, etc., resultando, então, em combinações infundáveis entre eles. Por fim, tais possibilidades de combinações potencializam as experiências e vivências, advindas não somente dos professores, mas também dos alunos, sendo uma possibilidade pedagógica no contexto escolar.

Diante das possibilidades de práticas que a Ginástica Para Todos dispõe, alguns autores apontam essa como uma ferramenta essencial no contexto educacional, dando ênfase na democratização da Ginástica dentro do contexto educacional, visto que, a GPT possui universalidade de gestos e possibilidades de expressões, tornando-se de fácil inserção nos processos de ensino e aprendizagem, sem esquecer que a mesma pode envolver diferentes interpretações da Ginástica, proporcionando o enriquecimento da cultura corporal (BARBOSA-RINALDI, 2004; SANTOS, 2009). Ao deixar de lado todo tipo de treinamento tecnicista e engessado, as possibilidades da prática de GPT, principalmente em ambientes educacionais, tendem a desenvolver capacidades e destrezas além da intencionalidade.

Ainda que muitos cursos de Educação Física já tenham em suas grades curriculares a disciplina de Ginástica, Rinaldi e Paoliello



(2008), a partir das respostas encontradas em seu estudo, entendem que a GG não se faz presente como conhecimento na maioria dos cursos de formação de professores no estado do Paraná. Com isso, Razeira (2014), questiona se há o fornecimento de subsídios suficientes acerca do universo da Ginástica, na formação inicial no curso de graduação, para que o futuro professor de educação básica possa vir a desenvolver tal conteúdo em suas aulas. Sendo assim, a pesquisa objetiva investigar a percepção sobre o ensino da Ginástica Geral na escola a partir da visão dos estagiários do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFPel, após a divulgação da nova BNCC e o retorno do termo de Ginástica Geral para este documento.

Para avançarmos neste artigo, faz-se necessário um destaque a nomenclatura de Ginástica Geral, a qual foi alterada para Ginástica para Todos em 2007, sendo utilizada para designar a prática da Ginástica em um sentido mais amplo, elementos que abrangem todas as modalidades gímnicas reconhecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), no entanto, sem viés competitivo. Decorrente a evolução de seu desenvolvimento, a FIG acabou adotando a terminologia de Ginástica para Todos, visto que o termo abrange uma maior compreensão do que a modalidade oferece quanto suas diversas possibilidades de desenvolvimento como seres humanos, não impondo limite de idade, distinção de gênero, habilidades e culturas. Esta ainda tem o objetivo de facilitar a compreensão em diversos idiomas (SANTOS, 2009). Por fim, o termo Ginástica Geral foi recebido com muito estranhamento na divulgação da BNCC, já que esta terminologia, até então, parecia de alguma forma superada.

## **GINÁSTICA GERAL: DE UMA PRÁTICA HEGEMÔNICA A AUSÊNCIA NA ESCOLA**

Segundo Soares (1996), antigamente, a Ginástica teve início na sociedade ocidental como um movimento popular, sem caráter pedagógico, e compreendia as marchas, corridas, lançamentos, natação, equitação, jogos e danças. A partir disso, surgiram as chamadas escolas de

Ginásticas. Já, no Brasil, as escolas com métodos ginásticos de origem sueca, francesa e alemã foram as que mais se propagaram. Em seguida, pedagogos e médicos resolveram pensar a Ginástica para a escola. A Ginástica escolar, neste período passou a compreender exercícios individuais, em duplas, quartetos, o ato de levantar e transportar pessoas e objetos, esgrima, danças, jogos e, somente no final do século XIX, os jogos esportivos e os exercícios militares.

Nota-se que, durante certo período, a Ginástica foi sinônimo de Educação Física nas escolas, como já afirmava Ayoub (2007). Contudo, a Ginástica se ramificou, se institucionalizou e hoje se tem sete Ginásticas competitivas com regras previamente definidas pela Federação Internacional de Ginástica e a Ginástica para Todos, classificada como Ginástica demonstrativa. A chegada da BNCC, documento que traz a Ginástica para Todos com a nomenclatura antiga de Ginástica Geral, nos auxilia a compreender que o termo GG abrange a Ginástica como uma rica e potente possibilidade pedagógica, que se aproxima do diálogo escolar, entretanto na GPT, Ginástica de demonstração é possível encontrar regras previamente definidas estabelecidas enquanto possibilidades demonstrativas em pequenos ou grandes eventos específicos da área, já tendo eventos competitivos como é o caso do Gym for Life.

A Educação Física Escolar, segundo Daolio (1996), deve envolver todas as formas de cultura corporal como os jogos, o esporte, as ginásticas, as danças e as lutas, além de abranger todos os alunos à prática, não tendo, desta forma, como objetivo, o rendimento esportivo. Na Base Nacional Comum Curricular, BNCC (Brasil, 2018), a Educação Física aparece como um componente curricular encarregado de tematizar as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social. E estas práticas aparecem subdivididas em unidades temáticas, sendo elas: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças e lutas. Soares (1996), comenta, em seu estudo, que antigamente a educação física era muito voltada à técnica, ou seja, era muito tecnicista, buscava performance e rendimento, com isso, o mesmo ainda faz a seguinte afirmação:



O Ensino da Ginástica ou de qualquer jogo esportivo, por exemplo, sempre encerrará em seu interior uma dimensão técnica. Mas uma dimensão técnica não significa nem tecnicismo nem “performance”. O lugar da “performance” não é na escola. (SOARES, 1996, p. 10)

Quanto aos conteúdos, Soares (1996) também cita a Educação Física escolar como o lugar de aprender Ginástica, Jogos, Jogos Esportivos, Dança, Lutas, Capoeira. Com isso, pode-se ver bem definido na literatura os conteúdos que compreendem a educação física, entretanto, nem todos estes citados tem aparecido com frequência nas escolas, como mostra Fortes e colaboradores (2012) em seu estudo sobre os conteúdos trabalhados nas aulas de educação física na cidade de Pelotas, no qual foram observadas 68 turmas. Cerca de 91,4 % das aulas práticas observadas foram destinadas às modalidades esportivas coletivas.

Esta presença altamente predominante do esporte no espaço escolar inibe o trabalho com outras vivências da cultura do movimento, as quais poderiam contribuir para o acesso a uma gama maior de saberes (Darido, 2001; Tani; Manoel, 2004), incluindo práticas corporais que cada vez mais estão presentes no cotidiano do adolescente fora do âmbito escolar, como a ginástica (AZEVEDO JUNIOR; ARAÚJO; PEREIRA, 2006 apud FORTES et al., 2012, p. 75).

A Ginástica na escola tem sofrido um reducionismo dos seus conteúdos, como aponta Almeida (2005). Por meio de uma pesquisa realizada na rede pública da Bahia, a autora constatou que a Ginástica não está mais presente nesse contexto enquanto conhecimento alicerçado em uma consistente base teórica, mas sim como uma modalidade esportiva para poucos ou então uma série de práticas diluídas em atividades diferentes para a preparação esportiva.

## **ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Refletir sobre a Ginástica na Educação Física é sempre instigante e desafiador, sobretudo quando consideramos possíveis tensões existentes na presença da aula de Educação Física. De acordo com Almeida (2005), presenciamos a Ginástica perdendo espaço na escola, mas, ao mesmo tempo, sendo exaltada nos meios de comunicação de massa, o que aponta para a contradição que se vive, que transforma os elementos da cultura corporal em algo para ser assistido e consumido e não para ser construído, transformado e criticado.

Segundo Frantz e Maldane (2010) o estágio é um período de formação que se dá em espaços ligados à profissão escolhida, na qual tem-se, no estágio curricular supervisionado, o cotidiano como fonte de conhecimento. No caso dos estágios de licenciados, estes espaços oportunizam apreender o trabalho pedagógico em suas variadas dimensões.

O estágio, nos cursos de formação de professores, destaca-se como via fundamental ao possibilitar que os professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas por seus profissionais como alternativa no preparo para a inserção profissional. (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 22 apud PIMENTA: LIMA, 2004, p. 43)

Ainda, de acordo com Mafuani (2011), a experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar na universidade, o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém, muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano. Portanto, o estágio nada mais é do que o momento de colocar em prática o aprendizado adquirido ao longo do curso.

E é no contexto da prática de ensino de Educação Física e estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física que se



tem procurado realizar propostas que caminhem nessa direção. A organização atual do estágio prevê quatro horas semanais de prática docente na escola e quatro horas semanais de encontros/aulas com todos os alunos da turma na universidade. Essa dinâmica possibilita a discussão coletiva das diversas experiências dos estágios, relacionando-as com temas gerais da Educação Física escolar e da Educação.

Pode-se afirmar, sem receio, que o estágio supervisionado se caracteriza em um momento privilegiado na formação, fazendo com que os alunos experimentem o diferente, o novo, o difícil, pois, além da atuação preferencialmente em grupos nos diversos campos de estágio e nas discussões realizadas nos encontros/aulas semanais, ali eles encontram espaço para aprofundar suas reflexões, questionamentos, receios, dúvidas e anseios. Com isso, percebe-se que, esse exercício constante de reflexão e ação, mediado pelas discussões em sala de aula e alimentado pelos registros dos trabalhos realizados em campo, acabam incentivando os alunos para que tentem ousar, experimentando outras possibilidades de ação diferentes das hegemônicas.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que, segundo Silveira e Córdova (2009), é um processo de investigação que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se desta forma, na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Este estudo contou com uma população composta por 45 acadêmicos regularmente matriculados nos cursos de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, UFPel. Destes, 23 pessoas do sexo feminino e 22 pessoas do sexo masculino, que estavam cursando as disciplinas de estágio curricular supervisionado II, estágio curricular supervisionado IV e estágio curricular supervisionado VI.

O curso é composto por 411 horas de Estágio Curricular Supervisionado (ECS) divididas em educação infantil e anos iniciais,

anos finais e ensino médio os quais os alunos já atuam diretamente na escola e que aceitem participar do estudo. De acordo com o projeto pedagógico do curso, o ECS é subdividido em seis etapas, ofertadas a partir do quinto semestre, sendo as etapas I e II destinadas a educação infantil e anos iniciais, III e IV destinadas aos anos finais e as etapas V e VI destinadas ao ensino médio. Nas etapas II, IV e VI os alunos, orientados por professores da universidade e supervisionados pelo professor titular da turma em que ocorrerá o estágio, assumem a regência de uma turma da educação básica nas escolas de uma das redes de ensino.

Como instrumento de coleta de dados, o estudo contou com uma entrevista semiestruturada composta por questões relacionadas ao entendimento e a vivência dos indivíduos acerca da Ginástica Geral, que foi entregue aos participantes juntamente com um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). A pesquisa foi apreciada e aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Pelotas (Parecer nº 3.587.071 /2019). A partir das mesmas foi realizado a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Para melhor compreensão dos dados, os mesmos foram organizados através de categorias estabelecidas a priori, conforme a classificação de Faria Junior (1992).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Conteúdos ministrados pelos estagiários**

Ao serem questionados sobre os conteúdos que estavam ministrando ou pretendiam ministrar em suas aulas no estágio, 82,2% dos discentes citaram as modalidades esportivas coletivas como conteúdo de suas aulas, dentre as modalidades citadas aparecem predominantemente basquete, vôlei, handebol e futsal e em uma menor quantidade rugby, punhobol e hóquei. Já 8,8% planejam trabalhar com modalidades esportivas individuais tais como o atletismo e os desportos com raquete e 13% pretendem utilizar em suas aulas os jogos e



brincadeiras. Outros 11,1% dizem que irão utilizar como conteúdo as lutas e 20% utilizarão outros conteúdos como por exemplo condicionamento físico, atividade física e saúde, coordenação motora e etc. Apenas 11,1% citam a Ginástica Geral como opção de trabalho. Estes dados, corroboram com o que comenta Costa e colaboradores (2016) em seu estudo em relação a Ginástica Geral ser um conteúdo quase inexistente nas aulas de educação física ministradas pelos estagiários dos cursos de Licenciatura em Educação Física. Mesmo a GG estando presente na BNCC e sendo apresentada aos acadêmicos ao longo de sua formação inicial, fica evidente, que os discentes ainda não reconhecem a GG enquanto um conteúdo relevante e significativo que contemple a formação humana dos escolares.

### **Conhecimento e percepções acerca dos conceitos da Ginástica Geral conforme a BNCC**

Um dos primeiros questionamentos relacionado as percepções da Ginástica Geral, era se os mesmos conhecem a modalidade. 71% dos alunos da mostra responderam que conhecem a modalidade. Para estes, a pergunta seguinte era “Para você o que é a Ginástica Geral?”. Após análise das respostas, as mesmas foram classificadas a partir de duas categorias, sendo elas: aproxima-se da definição, ou não se aproxima da definição que neste caso será a presente na BNCC (já citada na introdução deste trabalho). Com isso, 38,7% das respostas foram classificadas em “aproxima-se da definição”, quando apresentavam em alguma parte da fala algo em comum com a definição da BNCC, enquanto que 61,3% classificadas como “não se aproxima da definição” quando a resposta não apresentava semelhança nenhuma com a definição da BNCC. Abaixo é possível observar algumas das respostas obtidas e onde foram classificadas. Aproxima-se da definição:

Ginástica para todos é um tipo de atividade/ exercício que utiliza movimentos da GA, pirâmides, com ou sem uso de equipamentos, como bolas, fitas, cordas e onde todos podem

participar seja gordo/ magro, crianças e adultos, etc.” (Entrevistado 2)

Não se aproxima da definição:

É a Ginástica que envolve modalidades competitivas e não competitivas, bem como a prática de uma série de movimentos de força, flexibilidade e coordenação motora. (Entrevistado 3)

Nota-se que, mesmo as respostas classificadas como aproxima-se da definição não contemplam todas as características da modalidade, isto tem relação com o que diz Barbosa-Rinaldi e Paoliello (2008), a Ginástica Geral é tudo menos competitiva, ou seja, a modalidade é muito ampla e envolve muitos elementos, o que pode dificultar a conceituação da mesma. Entretanto, esta realidade aparece não só aqui, mas nas universidades do Paraná também, em um estudo feito com docentes que atuam com manifestações gímnicas e discentes no último ano da graduação de nove cursos de licenciatura em Educação Física do estado do Paraná, que ao conceituarem a GG, apenas 14% dos discentes conseguiram demonstrar um conhecimento, mesmo que limitado, sobre a modalidade, enquanto que o restante desconhece ou não consegue definir a mesma (Ibidem, 2008). Embora as Ginásticas estejam sendo apresentadas no formato de GPT, os alunos sofrem influência da mídia, e ainda percebem a Ginástica sob formato de Ginástica competitiva, especializada, e de alto rendimento.

### **Importância da Ginástica Geral**

Os alunos, quando questionados sobre a importância da GG, 95,5% da mesma julgaram importante o ensino da Ginástica Geral na escola. Os 4,5% que não acham a Ginástica Geral importante deram como justificativa os seguintes motivos:

Além da Ginástica ser ampla, acho desnecessário o conhecimento na escola. (Entrevistado 5)

Pois outras atividades trabalham os mesmos aspectos físicos e são mais interessantes. (Entrevistado 6)



Já, os que consideram a GG importante na escola citam diversos motivos pelos quais ela é importante, tais como: desenvolvimento dos alunos, seja ele das capacidades físicas, motoras ou cognitivas (33,3%), criatividade e cooperativismo (6,6%), para proporcionar vivências diversas aos alunos (28,8%), melhora da consciência corporal (15,5%), promoção de saúde (8,8%), outros (15,5%) e 4,4% não responderam à pergunta. A Ginástica Geral, portanto, tem como função a interação social, isto é, a formação integral do indivíduo nos seus aspectos: motor, cognitivo, afetivo e social.

Além de procurar resgatar ao núcleo primordial da Ginástica, o divertimento, a GG proporciona a satisfação, o desenvolvimento da criatividade, da ludicidade, valorização cultural, da interação social (CARDOZO; SILVA, 2009). Com isso pode-se perceber que a mostra em sua maioria percebe e entende a importância e a função da modalidade na Educação Física escolar, entretanto, como visto anteriormente neste texto ela não é levada as escolas pela maioria dos estagiários.

### **Possíveis dificuldades no ensino da Ginástica Geral**

Os discentes também foram questionados quanto as possíveis dificuldades que poderiam ser encontradas no ensino da GG na escola. Foi obtido respostas como: cultura esportiva da Educação Física e resistência por parte dos alunos (42,2%); estrutura física das escolas e falta de materiais (26,6%); falta de qualificação/preparo profissional dos mesmos (35,5%); nenhuma dificuldade (6,6%); medo de lesões por parte dos pais e dos alunos (2,2%).

Em relação a cultura esportiva na Educação Física e a resistência dos alunos quanto a novos conteúdos, apareceram como possíveis dificuldades em mais de 40% das entrevistas, o que é um percentual bem significativo, entretanto, percebe-se que é apenas um palpite dos discentes, visto que apenas 8,8% dos mesmos cogitou o uso da Ginástica como conteúdo das suas aulas no estágio. Este dado vai contra o que mostra o estudo de Chaparim (2008), o qual foi feito uma intervenção da

Ginástica Geral com adolescentes em situação de risco social. A autora relata em seu estudo que as adolescentes demonstraram muito interesse na prática da GG, e ao final da intervenção foi possível perceber que a Ginástica proporcionou aos praticantes, momentos de alegria, prazer, valorização, reconhecimento e superação. Contudo, mesmo que a cultura esportiva seja de fato uma realidade nas aulas de Educação Física do Brasil os alunos gostam de novidades e coisas que os desafiem de alguma forma.

Quanto a dificuldade por conta da estrutura física das escolas e/ou falta de materiais nas mesmas ressaltada em 26,6% das entrevistas, é uma afirmação que demonstra uma falta de familiarização com a modalidade visto que diversos autores como Gaio, Góis e Batista (2010) por exemplo, citam a Ginástica como prática feita com ou sem a utilização de materiais. Este equívoco pode estar ligado ao que diz Rinaldi e Souza (2003), os professores de Educação Física frequentemente associam a Ginástica Geral com as Ginásticas desportivas ou competitivas. Desta forma, faz sentido que seja relacionada a falta de materiais ou infraestrutura adequada com as dificuldades de ensino da GG. Entretanto a mesma como já citado anteriormente não tem a exigência de materiais específicos como outras Ginásticas por exemplo, com isso, ainda é possível que utilizemos apenas o próprio corpo dos alunos ou até mesmo materiais adaptados para estas práticas, como sugere Viera e colaboradores (2015), que acredita na exploração de materiais alternativos afim de aumentar o leque de possibilidades do professor para as aulas de Educação Física.

É possível verificar inúmeras dificuldades na implementação de propostas renovadoras na prática concreta da disciplina de Educação Física escolar, o que inclui problemas no trato dos conteúdos da cultura corporal de modo geral e em específico da Ginástica, embora esse conteúdo tenha sido privilegiado ao longo da história da disciplina na escola (SOARES, 1996). Os obstáculos perpassam questões como: as condições dos espaços físicos e a falta de materiais adequados, (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007), deficiências na formação inicial do profissional, carência de literatura e



pouca importância dada ao conteúdo pelos diferentes atores escolares (NUNOMURA; TSUKAMOTO, 2009).

Já o dado que mostra que a falta de preparo profissional é uma dificuldade encontrada em mais de 35% das entrevistas é preocupante, pois se estes profissionais, que são os responsáveis por levar e apresentar a modalidade para a escola, não se sentem capacitados para desenvolver a GG ela possivelmente não se fará presente. E então, o círculo vicioso do desconhecimento da Ginástica se constitui e se afirma, a universidade reproduz, a escola que por sua vez reproduz a formação profissional (RINALDI; SOUZA, 2003). Entretanto, muito embora os estagiários, bem como os professores de Educação Física não se sintam preparados para o trabalho com a GG as escolas comemoram diversas datas festivas com demonstrações de Ginástica, organizadas muitas vezes por professores de Educação Física conforme afirma Souza (1997), o que acaba descaracterizando a Ginástica Geral como conteúdo a ser trabalhado nas aulas de Educação Física, fazendo com que ela acabe assumindo um papel de performance.

Com isso, podemos pensar que talvez a Ginástica não esteja nas aulas de Educação Física pois não está tendo a devida atenção no ensino superior. Como corrobora Schiavon e Nista-Piccolo (2007) os conteúdos trabalhados no ensino superior ainda não concretizam o trato com a Ginástica no ambiente escolar, pois muitas vezes não abordam a Ginástica sob um olhar pedagógico, que valoriza o ato de ensinar.

### **Motivação para o ensino da Ginástica Geral na escola**

Os discentes foram questionados quanto o que precisariam para se sentirem estimulados a ensinar a Ginástica Geral na escola. Apareceu como resposta em 42,2% das entrevistas que precisariam de uma maior afinidade e/ou proximidade com a modalidade. Em 20% deles apareceram que a aceitação ou interesse dos alunos os estimularia. Um enfoque maior para a modalidade durante a formação apareceu em 13,3% das entrevistas. Outros 8,8% falam de estrutura física e/ou materiais, assim como 2,2%

já se sentem estimulado, no mesmo número de entrevistas aparece que não sabe o que precisaria para se sentir estimulado. Em 4,4% das entrevistas a pergunta não foi respondida e em 11,1% deles apareceram outras possíveis motivações. Portanto, se somar as respostas que dizem que precisariam de mais afinidade/proximidade com a modalidade e que fala do maior enfoque à modalidade durante a graduação chegaremos a mais de 50% de respostas relacionadas a formação, ou seja, talvez esteja faltando de fato uma maior atenção às manifestações gímnicas nos cursos de educação física.

Na Educação Física, muitos professores, ainda influenciados pela concepção esportivista, continuam restringindo as suas aulas aos esportes mais tradicionais, como, por exemplo, basquetebol, voleibol e futebol. Não bastasse este fato, é muito comum que estes conteúdos esportivos sejam transmitidos superficialmente, apenas na ótica do "saber fazer", o que acaba limitando a perspectiva do que se ensina/aprende, do conhecimento produzido pela humanidade sobre a cultura corporal e no ensino da Ginástica não é diferente.

É justamente nas brechas que podemos realizar propostas integradas com os projetos pedagógicos das escolas, o que não tem sido nada fácil, tanto pelas próprias limitações do estágio quanto pelos contextos peculiares de cada instituição. Mas quem acredita que a educação é fácil, tranquila, linear, certamente está esquecendo-se de considerar as relações de poder que permeiam os processos educativos.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da temática anunciada, pode-se chegar a algumas conclusões. Dentre elas, destaca-se aqui que os alunos estagiários, na sua maioria, consideram a GG importante, e reconhecem o porquê da importância do seu ensino, embora não consigam conceituar a mesma na sua totalidade, conceituando-a parcialmente ou até mesmo de uma forma que não se aproxima do conceito preconizado pela BNCC, assumido no presente trabalho enquanto



uma referência. Isto pode estar relacionada a falta de instrução e apresentação teórica da mesma, visto que os discentes reconhecem a GG como um conteúdo importante, mas não a sua definição. Ao longo deste estudo foi possível reconhecer a proximidade e a equivalência da GG e a GPT, assim, desde a promulgação da nova BNCC se faz necessário deixar claro que a GPT estará unida com a GG e também presente no contexto escolar.

Os participantes também apresentam algumas preocupações, quanto o ensino da GG nas aulas de Educação Física, trazendo algumas possíveis dificuldades que talvez não sejam de fato grandes limitadores para o ensino da mesma, como por exemplo a questão da estrutura e dos materiais já discutida anteriormente. Sendo a Ginástica Geral uma prática que não necessita de um grande aparato para seu desenvolvimento nota-se uma visão equivocada, o que pode estar relacionado com a dificuldade de conceituação da modalidade pelos estagiários, ou seja, dificuldade de entendimento da definição da GG.

Como proposta de solução para estes problemas expostos sobre as possíveis dificuldades temos os materiais alternativos como sugere Schiavon (2005 apud VIEIRA; ALMEIDA; ALMADA, 2015). Já para o interesse dos alunos a Ginástica, por si só, pode ser a solução, visto que Stanquevisch e Martins

(2010) afirmam que a Ginástica é uma prática prazerosa e que proporciona superação dos alunos.

Os documentos oficiais servem como indicadores da prática docente e apontam para uma Educação Física ainda muito baseada no “saber fazer”, fato que surpreende considerando-se os anos de discussão e reflexão sobre o papel desta disciplina na escola. Mas no caso da GG ainda não parece tão claro, causando uma dificuldade hermenêutica na interpretação deste conteúdo no documento oficial.

Entende-se que o desafio imposto no sentido de ressignificar o ensino da Ginástica na escola passa por diversas esferas relacionadas ao processo de seleção, organização, ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares, contudo, esta pesquisa aponta a necessidade de apontar novos caminhos para a Educação Física na escola como componente curricular, e em particular da Ginástica na perspectiva da cultura corporal. Embora o envolvimento dos estagiários e estagiárias com a nova BNCC tenha ocorrido de forma limitada, ficando a cargo de iniciativas pessoais, acreditamos que as experiências vividas nas escolas sempre serão significativas no sentido da apropriação do acervo das formas de representação do universo da cultura corporal, auxiliando na sua leitura de mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Roseane Soares. A ginástica na escola e na formação de professores. 2005. 213f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2005.
- AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.
- CARDOZO, David Breno Barros; SILVA, Erika Cristina de Carvalho. Ginástica Geral na educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO ESPORTE, 16. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIENCIAS DO ESPORTE, 3. **Anais...**, Salvador, BA, 2009.
- COSTA, Andrize Ramires e colaboradores. Ginástica na escola: por onde ela anda professor? **Conexões**, v. 14, n. 4, p. 76-96, dez. 2016.



FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes. FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. (Orgs.). **Pesquisa e produção do conhecimento em educação: livro do ano 1991**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1992.

FORTES, Milena de Oliveira e colaboradores. A educação física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos. *Revista da Educação Física*, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

FRANTZ, Lori Mari. MALDANER, Maridalva Bonfanti. **Estágio curricular supervisionado**. Unijuí, RS: Unijuí, 2010.

GAIO, Roberta; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos de Freitas (Orgs.). **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo, SP: Phorte, 2010.

LELES, Marília Teodoro e colaboradores. Ginástica para todos na extensão universitária: o exercício da prática docente. *Conexões*, v. 14, n. 3 p. 23-45, jul./ set., 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 16 de abril 2019.

MOURA, Diego Luiz e colaboradores. A ginástica como conteúdo da educação física escolar: análise em periódicos brasileiros. *Salusvita*, v. 33, n. 2, p. 181-195, 2014.

PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. 1997. 163f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

PAOLIELLO, Elizabeth. **Ginástica geral: experiências e reflexões**. São Paulo: Phorte, 2008.

\_\_\_\_\_. A ginástica geral e a formação universitária. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE GINÁSTICA GERAL, 1., 2001. *Anais...* Campinas, SP, 2001.

PAOLIELLO, Elizabeth e colaboradores. **Grupo Ginástico Unicamp 25 anos**. Campinas, SP: Unicamp, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo, Cortez, 2017.

PIZANI, Juliana e colaboradores. As disciplinas gímnicas nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná. *Conexões*, v. 13, n. especial, p. 58-76, mai., 2015.

RAMOS, Eloiza da Silva Honório; VIANA, Helena Brandão. A importância da ginástica geral na escola e seus benefícios para crianças e adolescentes. *Movimento & Percepção*, v. 3, n. 13, p. 190-199, jul./ dez., 2008.

RAZEIRA, Mauricio Berndt. **A ginástica nos cursos de licenciaturas em educação física das universidades federais do Rio Grande do Sul**. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2014.

RINALDI, Ieda Parra Barbosa; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em educação física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. *Revista brasileira de ciências do esporte*, v. 24, n. 3, p. 159-173, mai., 2003.



SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Pesquisa científica. In.: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2009.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma Lení. A ginástica vai à escola. **Movimento**, v. 12, n. 3, p. 131-150, set./ out., 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Escola Superior de Educação Física. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Pelotas, 2015.

VERLI, Marceline de Siqueira. Os conteúdos da educação física na escola: da seleção à aplicação. **Revista da graduação**, v. 4, n. 1, 2011.

VIEIRA, Rosana Mancini; ALMEIDA, Tabata Larissa; ALMADA, Romana Rosas. Ginástica para todos e exploração de materiais alternativos nas aulas de educação física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19, CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6. **Anais...** Vitória, ES, 2015.

Dados da autora:

Email: andrize.costa@gmail.com

Endereço: Rua Doutor Victor Russomano, n. 250, Areal, Pelotas, RS, CEP: 96077-620, Brasil

Recebido em: 28/02/2020

Aprovado em: 29/03/2020

Como citar este artigo:

COSTA, Andrize Ramires; GOMES, Catarina Polino. Ginástica geral na BNCC: percepção de alunos de licenciatura em educação física. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 01, p. 142-152, jan./ abr., 2020.